



PREFEITURA MUNICIPAL DE ALAGOINHA - PE CONCURSO PÚBLICO 2008

Prova Objetiva

Grupo: 01

Cargo: 01 – PROF. HAB. 5ª A 8ª SÉRIES – PORTUGUÊS/REDAÇÃO/ARTES

Nome do Candidato:

Número do documento de identidade:

Número de inscrição:

Sala:

Leia atentamente as Instruções

Você recebeu do fiscal:

Este caderno de Prova Objetiva:

1. Verifique se este caderno: - Corresponde a sua opção de cargo - Contém 40 questões numeradas de 1 a 40.
2. Caso contrário, reclame ao fiscal da sala um outro caderno;
3. Não serão aceitas reclamações posteriores; Para cada questão existe apenas UMA alternativa correta.

Um Cartão – Resposta destinada às repostas das questões objetivas.

1. No Cartão-Resposta, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo todo o espaço compreendido pelos círculos;
2. A marcação em mais de uma alternativa anula a questão, mesmo que uma das alternativas esteja correta.
3. A **LEITORA ÓTICA** é sensível a marcas escuras; portanto, preencha os campos de marcação completamente.

Exemplo:



Ao receber o cartão de resposta, é obrigação do candidato:

1. Ler atentamente as instruções para a marcação das respostas;
2. Conferir seu nome e número de inscrição;
3. Assinar, no espaço reservado, com caneta preta ou azul, o cartão de respostas.
4. Não **DOBRE**, não **AMASSE** nem **MANCHE** o Cartão-Resposta. Ele somente poderá ser substituído caso esteja danificado na barra de reconhecimento para a leitura ótica.

5. Você deverá permanecer obrigatoriamente em sala por, no mínimo, quarenta e cinco minutos após o início da prova e poderá levar o seu caderno de prova somente depois de decorridos 2:40 (duas horas e quarenta minutos) do efetivo início das provas.
6. O tempo disponível para esta prova é de 3:00 (três) horas para responder as questões objetivas e preencher o cartão-resposta.
7. Reserve 30 (Trinta) minutos finais para marcar seu cartão resposta.
8. Os rascunhos e as marcações assinaladas no caderno de prova objetiva não serão considerados na avaliação.
9. Ao término da prova, os três últimos candidatos deverão permanecer na sala, sendo somente liberados quando todos as tiverem concluído.
10. Ao terminar a prova, chame o fiscal de sala, lhe devolva o seu cartão-resposta. Saia do prédio em silêncio, pois não será permitida a permanência de nenhum candidato após o término de sua prova, nem qualquer aglomeração nos corredores ou arredores do prédio de prova.

Candidato será excluído do concurso caso:

1. Ausentar-se da sala em que se realiza a prova levando consigo o caderno de prova objetiva, antes do prazo estabelecido, e o cartão-resposta.
2. Se utilizar, durante a realização da prova, máquinas e/ou relógios de calcular, bem como rádios gravadores, "headphones" telefones celulares ou fonte de consulta de qualquer espécie; ou se comunicado com qualquer outro candidato.
3. Deixar de assinar e preencher corretamente o campo do cartão-resposta.
4. Faltar com o devido respeito ante a autoridade do fiscal de sala ou qualquer outro membro da aplicação do concurso.

Calendário de eventos:

- | | |
|------------------------|--|
| . 02/03/08 | Prova Objetiva |
| . 03/03/08 | Publicação dos gabaritos oficiais |
| . 04 e 05/03/08 | Recursos contra questões e gabaritos oficiais da prova objetiva, deverão ser entregues na Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal de Alagoinha – PE, a Comissão Geral do Concurso. |
| . 12/03/08 | Resultado Preliminar da prova objetiva. |
| . 13 e 14/03/08 | Recursos contra o resultado preliminar da prova objetiva e provas títulos, deverão ser entregues na Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal de Alagoinha – PE, a Comissão Geral do Concurso. |
| . 21/03/08 | Publicação do Resultado Definitivo. |
| . A partir de 03/03/08 | Homologação |



www.asperhs.com.br

Português

O texto a seguir serve de referência para as questões 1 e 2.

Texto I:

As caridades odiosas

Foi uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchava na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me ceifara os pensamentos.

— Um doce, moça, compre um doce para mim.

Acordei finalmente. O que estivera eu pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu cumular uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água.

Sem olhar para os lados, por pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete, entrei, fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

De que tinha eu medo? Eu não olhava a criança, queria que a cena humilhante para mim, terminasse logo. Perguntei-lhe: que doce você...

Antes de terminar, o menino disse apontando depressa com o dedo: aquelezinho ali, com chocolate por cima. Por um instante perplexa, eu me recompus logo e ordenei, com aspereza, à caixeira que o servisse.

— Que outro doce você quer? Perguntei ao menino escuro.

Este, que mexendo as mãos e a boca ainda espera com ansiedade pelo primeiro, interrompeu-se, olhou-me um instante e disse com uma delicadeza insuportável, mostrando os dentes: não precisa de outro não. Ele poupava a minha bondade.

— Precisa sim, cortei eu ofegante, empurrando-o para a frente. O menino hesitou e disse: aquele amarelo de ovo. Recebeu um doce em cada mão, levando as duas acima da cabeça, com medo talvez de apertá-los... E foi sem olhar para mim que ele, mais do que foi embora, fugiu. A caixeirinha olhava tudo:

— Afinal uma alma caridosa apareceu. Esse menino estava nesta porta há mais de uma hora, puxando todas as pessoas, mas ninguém quis dar.

Fui embora, com o rosto corado de vergonha. De vergonha mesmo? Era inútil querer voltar aos pensamentos anteriores.

Eu estava cheia de um sentimento de amor, gratidão, revolta e vergonha. Mas, como se costuma dizer, o Sol parecia brilhar com mais força. Eu tivera a oportunidade de... E para isso foi necessário que outros não lhe tivessem dado doce.

(LINSPECTOR, Clarice. "As caridades odiosas." IN: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999, p.249.)

01. Que afirmação da cronista no último parágrafo sugere um sentimento de satisfação e plenitude com a experiência vivida?

- a) "... com o rosto cheio de vergonha".
- b) "Era inútil voltar aos pensamentos anteriores".
- c) "... o sol parecia brilhar com mais força".
- d) "E para isso fora necessário...".
- e) "Eu estava cheia de um sentimento de amor,...".

02. Identifique a afirmação da cronista que melhor traduza seu mal-estar provocado pela presença do menino na pessoa dela.

- a) "Eu não olhava a criança, queria que a cena humilhante para mim, terminasse logo."
- b) "E para isso fora necessário que outros não lhe tivessem dado um doce."
- c) "Foi uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade?"
- d) "Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto."
- e) "Ele poupava a minha bondade."

O texto a seguir serve de referência para a questão 03.

Texto II:

Todo dia era dia de índio

Curumim chama cunhatã
Que eu vou contar
Todo dia era dia de índio
Curumim, cunhatã
Cunhatã, curumim
Antes que o homem aqui chegasse
As terras brasileiras
Eram habitadas e amadas
Por mais de três milhões de índios
Proprietários felizes da Terra Brasilis
Pois todo dia era dia de índio
Mas agora eles só têm o dia
dezenove de abril
Amantes da pureza e da natureza
Eles são de verdade incapazes
De maltratar uma fêmea ou de poluir o rio, o céu e o mar
Preservando o equilíbrio ecológico
Da terra, fauna e flora
Pois na sua história, o índio
Era o exemplo puro e perfeito
Próximo da harmonia da fraternidade e da alegria

Da alegria de viver
Da alegria de amar
Mas no entanto agora
O seu canto de guerra
É um choro de uma raça inocente
Que já foi muito contente

Pois antigamente
Todo dia era dia de índio

(Jorge Benjor)

03. A respeito do texto II, julgue os itens como (F) falso ou (V) verdadeiro.

() O texto mostra que antes da chegada do homem os milhões de habitantes índios respeitavam a natureza, porém não conseguiam viver em harmonia.

() O autor faz uma crítica ao modo de viver indígena antes da colonização.

() Observa-se no texto que o índio não encontrou grandes problemas para inserir-se na sociedade capitalista, exceto pelo fato de contrair doenças através do homem branco.

A seqüência correta, de cima para baixo, é:

- a) F – V – V
- b) V – F – F
- c) F – F – V
- d) V – F – V
- e) F – F – F

04. Assinale a alternativa que preenche as lacunas a seguir prestigiando a norma culta:

- 1) Sua maneira de falar é semelhante ____ de meu pai.
- 2) Os professores chegaram ___ discutir a possibilidade de uma nova greve.
- 3) Brinquedos, livros, Cds, tudo _____ fora de lugar.
- 4) A receita segue em _____.
- 5) Escolheu _____ roupa e lugar para falar.
- 6) Nem o governo sabe o _____ da inflação.
- 7) Eu gostaria de ficar _____ com você.
- 8) Comia alimentos _____ mais saudáveis _____.
- 9) Elas são _____ simpáticas.
- 10) É _____ a entrada.

- a) à – a – estava – anexo – péssima – porquê – a só – os – possíveis – bastante – proibida
- b) a – à – estavam – anexos – péssimos – por quê – a só – o – possível – bastantes – proibido
- c) a – a – estava – anexo – péssimo – porque – a só – os – possível – bastantes – proibida
- d) à – à – estavam – anexa – péssima – por quê – as só – o – possíveis – bastante – proibida
- e) à – a – estava – anexa – péssimas – porque – a só – o – possível – bastantes – proibido

O texto a seguir serve de referência para a questão 05.

Texto III:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te;

Roga a Deus que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

(Luiz de Camões)

05. Assinale o pedido que o eu-lírico faz:

- a) Que a sua falecida mãe volte para viver com ele.
- b) Que a sua falecida irmã rogue a Deus que o perdoe por seus pecados.
- c) Que a amada rogue a Deus que o leve para junto dela.
- d) Que a amada rogue a Deus para que o ardente amor tenha fim em seu coração solitário.
- e) Que Deus salve a sua alma, pois o eu-lírico está cheio de mágoa por ter sido traído pela amada.

Leia estes versos do episódio do gigante Adamastor:

“Antes em vossas naus vereis cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.”

06. O recurso de estilo utilizado foi:

- a) gradação
- b) catacrese
- c) antítese
- d) metáfora
- e) metonímia

O texto a seguir serve de referência para as questões 07, 08 e 09.

Texto IV:

Feitiço da Vila

Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba
Que faz dançar os galhos,
Do arvoredo e faz a lua,
Nascer mais cedo.
Lá, em Vila Isabel,
Quem é bacharel
Não tem medo de bamba.
São Paulo dá café,
Minas dá leite,
E a Vila Isabel dá samba.
A vila tem um feitiço sem farofa
Sem vela e sem vintém
Que nos faz bem
Tendo nome de princesa
Transformou o samba
Em um feitiço descente
Que prende a gente
O Sol da Vila é triste
Samba não assiste
Porque a gente implora:
“Sol, pelo amor de Deus,

não vem agora
que as morenas
vão logo embora
Eu sei tudo o que faço
sei por onde passo
paixão não me aniquila
Mas, tenho que dizer,
modéstia a parte
meu senhores...
Eu sou da Vila!

(ROSA, Noel; GOGLIANO, Oswaldo (Vadico). Feitiço da Vila. In: MÁXIMO, João; DIDIER, Carlos. Noel Rosa: uma biografia. Brasília: UnB, 1990.p.329-30.)

07. No verso “**Que** faz dançar os galhos”, o pronome relativo retoma o seguinte termo:

- a) do arvoredo
- b) Vila Isabel
- c) Minas
- d) o samba
- e) quem é bacharel

08. Assinale o sentido expresso pelo verbo dar destacado nos três versos do texto:

- a) produzir
- b) presentear
- c) emitir
- d) doar
- e) promover

09. Em que trecho do texto observa-se que foi utilizada a prosopopéia?

- a) “O Sol da Vila é triste / Samba não assiste”
- b) “Quem é bacharel / Não tem medo de bamba.”
- c) “Eu sei tudo o que faço”
- d) “Quem nasce lá na Vila / Nem sequer vacila”
- e) “ sei por onde passo”

Texto V:

Lembrança do Mundo Antigo

Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda civil sorria, passavam bicicletas,
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo
em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.

Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.

Clara tinha medo de perder o bonde das onze horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

(ANDRADE, Carlos Drummond de.)

10. Com base na leitura do texto V, julgue os itens a seguir:

- I. No poema predomina a subordinação.
- II. No primeiro verso do poema ocorre um período composto.
- III. Em “Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!” observa-se um período composto formado exclusivamente por orações coordenadas assindéticas que não possuem sujeito.
- IV. No quinto e sexto versos dois personagens comportam-se de maneira extremamente previsível.
- V. Em “(...) Mas passeava no jardim, pela manhã!!!” a frase representa a oposição à idéia de perigo enunciada anteriormente.

Podemos afirmar que:

- a) Há apenas uma afirmativa correta.
- b) Apenas as afirmativas I, II e IV estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
- d) Apenas as afirmativas III e V estão corretas.
- e) As três últimas afirmativas estão corretas.

Conhecimentos Pedagógicos

11. Marque a alternativa incorreta de acordo com o Art. 3º. Da LDB que diz: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- a) Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.
- b) Pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas.
- c) Respeito à liberdade e apreço à intolerância.
- d) Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.
- e) Valorização do profissional da educação escolar.

12. De acordo com o Art. 4º. Da LDB, que diz: O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

- I. Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.
- II. Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio.
- III. Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino.
- IV. Atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.
- V. Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.

Está (estão) correta (s):

- a) Apenas a I
- b) Apenas a II e III
- c) Apenas a II e IV
- d) Apenas a IV e V
- e) Todas estão corretas

13. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. Marque a alternativa incorreta de acordo com o Art. 16. do estatuto da criança e do adolescente que diz: O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

- a) Ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais.
- b) Opinião e expressão.
- c) Brincar, praticar esportes e divertir-se.
- d) Participar da vida familiar e comunitária, com discriminação.
- e) Participar da vida política, na forma da lei.

14. Marque V para afirmativa(s) verdadeira(s) e F para falsa(s) de acordo com o Art. 53. do estatuto da criança e do adolescente que diz: A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- () Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.
- () Direito de ser respeitado por seus educadores.
- () Sem direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores.
- () Direito de desorganização sem participação em entidades estudantis.
- () Acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

A seqüência correta acima é:

- a) V – V – F – F – V
- b) V – F – V – F – V
- c) F – V – F – V – F
- d) V – F – F – F – V
- e) F – V – F – V – V

15. Enfim, um projeto político-pedagógico da escola apoia-se em vários aspectos, exceto:

- a) No desenvolvimento de uma consciência crítica.
- b) No autoritarismo e na irresponsabilidade social.
- c) No envolvimento das pessoas: a comunidade interna e externa à escola.
- d) Na participação e na cooperação das várias esferas de governo.
- e) Na autonomia, responsabilidade e criatividade como processo e como produto.

16. Sobre plano de aulas marque a alternativa incorreta:

- a) Monte um Plano de aula em que o aluno participe. Promova debates, ouça-os e faça com que ouçam a você (eu utilizo muito a frase: *Quando um fala o outro escuta!*).
- b) Criança gosta de se sentir útil, promova brincadeiras para escolher o AJUDANTE DO DIA (em minhas aulas o ajudante conta uma história ou narra um fato que aconteceu em sua vida, para a turma!). Decore a sala com enfeites confeccionados por eles mesmos.
- c) Não evite abstrair em suas aulas (principalmente na Educação Infantil) quando falar em “algo” não leve “este algo” a sério para que a turma veja. Se não puder levar, consiga fotos e mostre a eles.

- d) Não crie situações complicadas demais, ofereça desafios pertinentes à idade de seu aluno.
- e) Fale de situações que lhe sejam familiares, cite o nome de algumas crianças e peça, se estas se sentirem seguras para tal, que contem como foi seu dia, ou como foi sua última festa de aniversário... A partir daí conduza a aula de acordo com o TEMA GERADOR e vá inserindo os conteúdos propostos...

17. Sobre a alfabetização julgue as afirmativas abaixo:

- I. A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e em suas variações.
- II. O processo da alfabetização se resume apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler.
- III. A alfabetização envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral. A alfabetização de um indivíduo promove sua socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais.
- IV. A alfabetização não é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Está (estão) incorreta (s):

- a) Apenas I
- b) Apenas II e III
- c) Apenas III e IV
- d) Apenas II e IV
- e) Todas estão incorretas

18. Paulo Freire delineou uma Pedagogia, intimamente relacionada com a visão do terceiro mundo e das classes oprimidas na tentativa de elucidá-las e conscientizá-las politicamente. Que pedagogia foi essa?

- a) Da Libertação
- b) Do Desenvolvimento
- c) Da Disposição
- d) Da CEBs
- e) Nenhuma das alternativas

19. Marque a alternativa incorreta sobre a prática pedagógica na formação de professores.

- a) A reflexão sobre a prática pedagógica implica a consideração dessa prática sob o ponto de vista do trabalho do professor. Ao abordarmos o trabalho sob uma forma genérica, teremos de considerá-lo sob dois aspectos distintos: como execução e como atividade.
- b) O primeiro considera o trabalho como parte da vida cotidiana do trabalhador ("labour"); o segundo analisa as circunstâncias concretas em que se desenvolve o processo de trabalho para a sociedade em seu conjunto ("work").

- c) O tempo da prática pedagógica cotidiana vista apenas como execução, tem a característica do metabolismo diário de "labour"; enquanto o tempo da prática pedagógica definitiva vista como atividade, como "praxis", tem a durabilidade do "work".
- d) É possível considerar a prática pedagógica, simplesmente, como execução de uma tarefa da vida cotidiana do professor.
- e) Uma prática pedagógica com conteúdo moral acontece quando as exigências da sociedade aparecem como exigências que o professor incorpora e a dirige a si mesmo. Assim, o professor deve vencer a si mesmo para satisfazer as exigências sociais que aceitou, ao incorporar valores que se orientem objetivamente, na direção do desenvolvimento moral do gênero humano.

20. É uma teoria de etapas, uma teoria que pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis.

- a) Pedagogia da pergunta de Paulo Freire
- b) A teoria de Piaget da equilibrarção
- c) Método Paulo Freire
- d) Método Vigotski
- e) A teoria de Piaget do desenvolvimento cognitivo

Conhecimentos Específicos

21. Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:

- I. Enviamos revistas **a vocês**.
- II. Refez **a lição** que estava atrasada?
- III. Coloquem **os livros** na biblioteca.

- a) I. Enviamos-lhes; II. Refê-la; III. Coloquem-nos.
- b) I. Enviamo-lhes; II. Refê-la; III. Coloquem-nos.
- c) Enviamo-las; II. Refez-lhe; III. Coloquem-os.
- d) I. Enviamos-lhes, II. Refi-la; III. Coloquem-os.
- e) I. Enviamo-los; II. Refez-lhe; III. Coloque-os.

Texto I:

TUPI OR NOT TUPI

Professor tenta salvar o ensino da língua falada no Brasil dos séculos XVI e XVII

Bruno Paes Manso

Se Fernando Henrique Cardoso proferisse em Portugal a frase "Chega desse nhenhênhem neoliberal", como fez ao responder aos que criticavam seu governo, provavelmente não seria entendido. Nhenhênhem vem do tupi e quer dizer conversa jogada fora. Um turista brasileiro que contasse a um moçambicano que "chorou as pitangas" também correria o risco de encontrar no rosto de seu interlocutor um grande ponto de interrogação. "Estar jururu", cabelo "pixaim" e ficar na maior "pindaíba" são outros exemplos de expressões ininteligíveis para lusófonos não-brasileiros. Os brasileiros quase não

percebem, mas o português que falam é em grande medida tributário do idioma tupi, falado pelos aborígenes que Pedro Álvares Cabral encontrou na Terra de Santa Cruz há 500 anos. Nada menos que 20 000 dos vocábulos **dicionarizados** no Brasil têm origem tupi. No entanto, os estudiosos da língua são uma espécie em extinção. Único especialista que se dedica ao ensino do tupi antigo, o professor da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo Eduardo Navarro resolveu tomar uma providência que funcionou muito bem para salvar bichos como a ararinha azul ou o mico-leão-dourado. Fundou uma ONG, a Tupi Aqui, com a qual pretende formar 100 professores do idioma até o ano 2004. Não é por diletantismo que Navarro se dedica à causa. "Não será possível entender os 250 primeiros anos da História do Brasil se essa língua se perder", diz.

Ele tem razão. O tupi antigo era a língua comum às populações nativas do Maranhão até o Paraná, uma grande unidade cultural. O verbo *îepotar*, por exemplo, era empregado quando alguém estava chegando por mar, tanto em Porto Seguro quanto em São Vicente. Apesar do entra-e-sai constante de caravelas estrangeiras, o tupi resistiu nesse vasto território por séculos. Era a língua brasílica por excelência. Essa é uma peculiaridade da colonização portuguesa, porque em vez de massacrar qualquer manifestação cultural nativa, como fizeram os espanhóis no restante da América Latina, o que aconteceu no Brasil foi uma espécie de colonização do colonizador. A explicação para isso é que o modelo português de ocupação do território se baseava em casamentos mestiços, as mulheres sendo tomadas nas tribos indígenas. Como eram elas que educavam os filhos, naturalmente o tupi tornou-se a língua de adoção dos primeiros descendentes dos europeus em terras brasileiras. O processo de aculturação dos lusitanos foi tão forte que o padre Antônio Vieira já o notou em pleno século XVII. "É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão ligadas umas às outras e que a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios. E a portuguesa, a vão os meninos aprender à escola."

O indício mais generoso dessa assimilação cultural aconteceu quando os portugueses sistematizaram uma gramática e uma linguagem escrita para o tupi. Sem esses dois elementos, alguns dos mais importantes traços culturais dos índios da época do Descobrimento teriam desaparecido, já que os nativos quase não deixaram construções, registros ou objetos resistentes à ação do tempo. Graças ao padre José de Anchieta e a seus companheiros da Companhia de Jesus, muitas cartas e relatos de época foram escritos na língua original. Uma *Bíblia* foi vertida para o tupi por um missionário holandês e calvinista. Os momentos que precederam a Batalha dos Guararapes, em que se enfrentaram índios, portugueses e holandeses, também foram analisados em cartas escritas na língua. Foi em tupi que os bandeirantes desbravadores se comunicaram. É por isso que tantos Estados, municípios e rios têm nomes de origem indígena. Pernambuco é "mar com fendas", uma referência aos arrecifes. Paraná é "mar". Pará é "rio". Piauí é "rio de piau", um tipo de peixe. Sergipe é "no rio do siri". Paraíba é "rio ruim". Tocantins é "bico de tucano".

O terrível Domingos Jorge Velho, um dos responsáveis pelo aniquilamento do Quilombo dos Palmares, não sabia falar português, segundo o relato de um bispo da época. O ano era 1697 e as tropas paulistas que haviam massacrado Zumbi só falavam em tupi.

Mesmo escritores que se notabilizaram por sua literatura em português conheciam — e bem — o idioma indígena. Foi o caso do padre Antônio Vieira e de Gregório de Matos. A língua tupi foi aquela em que se comunicaram, até meados do século XVII, as melhores famílias quatrocentonas brasileiras. Versos do poeta Gregório de Matos chegavam a ironizar o vernáculo da elite de Salvador: “A coisa como ser um paiaíá, mui prezado de ser caramuru, descendente de sangue de tatu, cujo torpe idioma é o cobepá”, brincou Matos no século XVII. O escritor Sérgio Buarque de Holanda relatou no clássico *Raízes do Brasil* que, em um inventário feito numa repartição pública paulista em pleno século XVII, foi necessária a participação de um intérprete porque a herdeira não sabia uma palavra de português.

Com tal força cultural, o tupi comportava-se como qualquer língua viva. Incorporava novos vocábulos, gírias, expressões idiomáticas, particularmente as originárias do próprio português e do idioma quimbundo que era falado pelos escravos africanos. Foi assim que o tupi, na origem uma língua desprovida de tempos verbais, desenvolveu também desinências indicativas de presente, passado e futuro. A falta dessas desinências não significa que se tratasse de um idioma menos sofisticado. Basta lembrar que o mandarim, a principal língua falada na China, velha em mais de 5 000 anos, também não tem tempos verbais. Como eles sabem então quando se passa a ação? Pela adição à frase de um advérbio de tempo. Era assim também com o tupi.

Outra modificação importante pela qual passou a língua nativa foi a inclusão de numerais acima de quatro. Os índios só identificavam os números 1, 2, 3, 4 e “muitos”. Para dizer que dez jacarés estavam no rio, diziam “minhas mãos”. Vinte, “minhas mãos e meus pés”. Os pronomes demonstrativos também mudaram. Para os índios, que viviam entre animais selvagens era importante ter um termo que indicasse quando algo estava próximo e podia ser visto. Outro para quando estava próximo mas não visível. Na língua modificada, aquela que se tornou a forma de expressão do mameluco, o mestiço brasileiro, o pronome caiu em desuso.

Foi pela força de um decreto que o tupi perdeu terreno para o português. Em 1758, o marquês de Pombal, interessado em solapar o poder da Companhia de Jesus no Brasil e em aumentar o domínio da metrópole portuguesa sobre a colônia de ultramar, proibiu o ensino e o uso do tupi. Iniciou-se um longo declínio. Até meados do século XIX, redutos no interior de São Paulo ainda se expressavam em tupi, e o idioma transformou-se em bandeira nacionalista. Foi assim com o romantismo da literatura de José de Alencar e Gonçalves Dias, que faziam apologia dos heróis selvagens. Nos anos 20 o movimento modernista ironizava a mistura da cultura européia com a brasileira por intermédio do dístico “tupi or not tupi”.

Os últimos suspiros da língua dos antepassados aconteceram nos anos 30 e 40 durante a era Vargas, sob o influxo do nacionalismo em voga na época. Não por acaso, a saudação integralista “Anauê” era tomada do tupi. Significa “você é meu parente”. Nesse período, o idioma indígena ganhou cadeiras nas universidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. Era ensinado segundo a gramática de José de Anchieta. Em 1955, o presidente Café Filho obrigou todas as faculdades de letras a incluir um curso de tupi. Durante a década de 70 inteira e até os

dias atuais, com a cultura indígena massacrada pelos projetos de desenvolvimento, a idéia de ensinar o tupi passou a ser mais desvalorizada do que a de ministrar cursos de sânscrito ou grego arcaico. E essa noção que o professor Navarro pretende corrigir. Não para conhecer melhor os índios que moravam no Brasil. Mas para conhecer melhor os brasileiros.

(Revista VEJA, 16 de dezembro de 1998.)

22. De acordo com a leitura do texto, podemos concluir que:

- a) O texto procura atingir principalmente o público adolescente devido à utilização de gírias atuais.
- b) O fato de Domingos Jorge Velho saber português é um dos fatos que o jornalista ilustra no texto para informar que o tupi foi uma língua usual e forte em certa época de nossa história.
- c) O objetivo principal do texto é apresentar a importância histórica da língua tupi e a necessidade de estudá-la para conhecer melhor o Brasil atual.
- d) No segundo parágrafo observamos que os descendentes brasileiros aprendiam a falar o tupi com os anglicanos.
- e) Em “... mas o português é em grande medida **tributário** do idioma tupi...” o termo destacado pelo sentido do contexto significa contribuinte de impostos.

23. Em “Em 1758, o marquês de Pombal, interessado em **solapar** o poder da Companhia de Jesus...” o termo em destaque significa:

- a) formar cava em
- b) satisfazer
- c) apossar-se
- d) ausentar-se
- e) remover para outro lugar

24. Assinale a alternativa correta conforme a norma padrão.

- a) “Guiou-me ao canto nono, como a uma rua suspeita!” a expressão em destaque é uma oração subordinada adverbial comparativa.
- b) “Recolheu sua mala para que o intruso se acomodasse.” a oração em destaque é subordinada adverbial temporal.
- c) Em: “Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos.” a oração grifada é subordinada adjetiva.
- d) Em: “Emília foi mais forte do que eu.” a oração em destaque é coordenada assindética.
- e) Em: “Desde que houve a reunião em casa de Jandira, eu não pensava mais em Arabela.” a oração destacada é subordinada concessiva.

25. Quanto às relações de significado que as palavras mantêm, indique a alternativa onde não encontramos sinônimos.

- a) massacrada = trucidar
- b) ministrar = prover
- c) mestiço = cabrocha
- d) assimilação = insígnia
- e) peculiaridade = desigualdade

26. Analise as relações morfosintáticas estabelecidas nos trechos seguintes do texto I e assinale a alternativa correta.

- a) Em: “Com tal força cultural, o tupi comportava-se **como** qualquer língua viva.”, o termo destacado exerce a função de predicativo do objeto.
- b) Em: “Os últimos suspiros da língua dos antepassados aconteceram nos anos 30 e 40 durante a era Vargas, sob o influxo do nacionalismo em voga na época.”, a expressão grifada é uma oração subordinada adverbial consecutiva.
- c) Em: “O terrível Domingos Jorge Velho, um dos responsáveis pelo aniquilamento do Quilombo dos Palmares, não sabia falar português, segundo o relato de um bispo da época.”, a expressão destacada exerce a função de adjunto adverbial.
- d) Em: “Durante a década de 70 inteira e até os dias atuais, com a cultura indígena massacrada pelos projetos de desenvolvimento, a idéia de ensinar o tupi passou a ser mais desvalorizada do que a de ministrar cursos de sânscrito ou grego arcaico.”, a expressão destacada exerce a função sintática de adjunto adnominal.
- e) Em: “Foi pela força de um decreto que o tupi perdeu terreno para o português.”, a expressão em destaque exerce a função de agente da passiva.

27. No trecho “**Se** Fernando Henrique Cardoso proferisse em Portugal...” , o termo grifado trata-se de uma:

- a) Conjunção subordinativa integrante
- b) Conjunção subordinativa condicional
- c) Partícula expletiva
- d) Parte integrante do verbo
- e) Partícula apassivadora

28. As figuras de linguagem são recursos que valorizam o texto, tornando-o mais expressivo.

Relacione corretamente:

- I. metáfora
- II. metonímia
- III. catacrese
- IV. eufemismo
- V. gradação
- VI. antítese
- VII. anáfora
- VIII. prosopopéia

- () Ele estava satisfeito, feliz, exultante.
A tarde cai nostálgica, triste, deprimente.
- () A pequena árvore estava alegre com a chegada da primavera.
- () Amamos, vagamente surpreendidos
Pelo ardor com que estávamos unidos
Nós que andávamos sempre separados
(Vinícius de Moraes)
- () Sei que tudo que estou fazendo me levará ao reino de Deus.
- () Teu corpo é a brasa do lume.
- () A batata da perna de Laura estava inchada após tamanho esforço.
- () Eu sei respeitar a velhice.
- () Não troque de cara, troque de ótica, troque seus óculos na Fotoptica.

A seqüência correta, de cima para baixo, é:

- a) V – VIII – VI – IV – I – III – II – VII
- b) II – IV – VII – VI – V – III – I – VIII
- c) VI – II – I – VIII – VII – IV – V – III
- d) IV – V – III – VII – VIII – VI – II – I
- e) III – VI – II – V – VI – I – VII – VIII

Leia o texto a seguir e responda às questões 29, 30 e 31.

Texto II:

Se os tubarões fossem homens

Se os tubarões fossem homens, eles fariam construir resistentes caixas do mar, para os peixes pequenos com todos os tipos de alimentos dentro, tanto vegetais, quanto animais. Eles cuidariam para que as caixas tivessem água sempre renovada e adotariam todas as providências sanitárias, cabíveis se por exemplo um peixinho ferisse a barbatana, imediatamente ele faria uma atadura a fim que não morressem antes do tempo. Para que os peixinhos não ficassem tristonhos, eles dariam cá e lá uma festa aquática, pois os peixes alegres tem gosto melhor que os tristonhos. Naturalmente também haveria escolas nas grandes caixas, nessas aulas os peixinhos aprenderiam como nadar para a guela dos tubarões. Eles aprenderiam, por exemplo a usar a geografia, a fim de encontrar os grandes tubarões, deitados preguiçosamente por aí. aula principal seria naturalmente a formação moral dos peixinhos.

Eles seriam ensinados de que o ato mais grandioso e mais belo é o sacrifício alegre de um peixinho, e que todos eles deveriam acreditar nos tubarões, sobretudo quando esses dizem que velam pelo belo futuro dos peixinhos. Se encucaria nos peixinhos que esse futuro só estaria garantido se aprendessem a obediência. Antes de tudo os peixinhos deveriam guardar-se antes de qualquer inclinação baixa, materialista, egoísta e marxista e denunciaria imediatamente aos tubarões se qualquer deles manifestasse essas inclinações. Se os tubarões fossem homens, eles naturalmente fariam guerra entre si a fim de conquistar caixas de peixes e peixinhos estrangeiros. As guerras seriam conduzidas pelos seus próprios peixinhos. Eles ensinariam os peixinhos que entre eles os peixinhos de outros tubarões existem gigantescas diferenças, eles anunciariam que os peixinhos são reconhecidamente mudos e calam nas mais diferentes línguas, sendo assim impossível que entendam um ao outro. Cada peixinho que na guerra matasse alguns peixinhos inimigos. Da outra língua silenciosos, seria condecorado com uma pequena ordem das algas e receberia o título de herói. Se os tubarões fossem homens, haveria entre eles naturalmente também uma arte, havia belos quadros, nos quais os dentes dos tubarões seriam pintados em vistosas cores e suas guelas seriam representadas como inocentes parques de recreio, nos quais se poderia brincar magnificamente. Os teatros do fundo do mar mostrariam como os valorosos peixinhos nadam entusiasmados para as guelas dos tubarões. A música seria tão bela, tão bela que os peixinhos sob seus acordes, a orquestra na frente entrariam em massa para as guelas dos tubarões sonhadores e possuídos pelos mais agradáveis pensamentos. Também haveria uma religião ali. Se os tubarões fossem homens, ela ensinaria essa religião e só na barriga dos tubarões é que começaria verdadeiramente

a vida. Ademais, se os tubarões fossem homens, também acabaria a igualdade que hoje existe entre os peixinhos, alguns deles obteriam cargos e seriam postos acima dos outros. Os que fossem um pouquinho maiores poderiam inclusive comer os menores, isso só seria agradável aos tubarões pois eles mesmos obteriam assim mais constantemente maiores bocados para devorar e os peixinhos maiores que deteriam os cargos valeriam pela ordem entre os peixinhos para que estes chegassem a ser, professores, oficiais, engenheiro da construção de caixas e assim por diante. Em suma, só então haveria civilização no mar, se os tubarões fossem homens.

(Bertolt Brecht. Histórias do sr. Keuner. São Paulo, Brasiliense, 1989.p.54-56)

29. Em referência ao texto lido, não podemos afirmar que:

- O tubarão representa o forte, o que tem o poder, o opressor; os peixinhos representam os fracos, humildes e os explorados.
- Na última frase do texto a carga positiva que o autor atribui à palavra civilização, entendida como uma forma de amenizar a exploração.
- Critica aqueles que dominam nossa sociedade, que só não permitem que seus “explorados” morram de fome para não perder a força de trabalho de que necessitam e que usam a diversão para iludir os oprimidos.
- Critica a arte que representa apenas uma parte da população – por exemplo, a que só reflete o gosto, o interesse e as personagens das classes dominantes; as outras camadas são claramente ignoradas.
- Critica as formas de organização social baseadas na exploração dos mais fracos.

30. Segundo o autor, qual seria o objetivo das guerras?

- Conquistar novos territórios, de modo a expandir o próprio império, e subjugar o povo conquistado.
- Evitar as grandes festas aquáticas realizadas pelos tubarões.
- Provocar o rompimento de ligações entre países subdesenvolvidos e os países de 1º mundo.
- Reconstruir o mundo de modo que as mulheres tomem as decisões mais importantes da sociedade.
- Transformar toda a sociedade mundial num sistema democrático e socialista.

31. Na frase “Aqueles **ligeiramente** maiores poderiam inclusive comer os menores”. Na palavra em destaque observa-se o seguinte processo de formação de palavras:

- derivação prefixal
- derivação sufixal
- derivação parassintética
- derivação imprópria
- derivação regressiva

32. Entre as orações abaixo, indique aquela que contraria a norma culta escrita.

- Queremos receber-te com todas as honras.
- Quando chegares, hospedar-te-ei com prazer.
- Em derretendo-se, a vela foi-se apagando.
- A chama foi-se reduzindo aos poucos.

e) Observo-te há dias.

33. Assinale a classificação correta na oração em destaque:

“Desejo uma coisa: que sejas feliz.”

- subordinada substantiva predicativa;
- subordinada substantiva subjetiva;
- subordinada substantiva apositiva;
- subordinada adverbial temporal;
- subordinada substantiva objetiva direta.

O fim do vestibular?

Cláudio Moura e Castro

Para começar a entender o vestibular, precisamos liquidar o mito de que é possível acabar com ele. E, também, entender, que, quanto mais avançado o país, mais furiosamente competitivo é o acesso às boas escolas, pois passam a ser mais decisivas no futuro candidato. Na passagem do 2º para o 3º grau, há um estreitamento (mesmo nos países mais ricos). Ora, se há mais candidatos do que vagas, como decidir? Duelos ou sorteios? Melhor escolher os alunos mais bem preparados. Portanto, não há como evitar algum critério meritocrático.

No Japão e na Coreia há uma horrenda concorrência para entrar nas melhores escolas. Todos fazem cursinhos, desde o jardim de infância. Na Coreia, os pais gastam tanto nos cursinhos quanto o Estado em educação pública. E estudantes se suicidam quando os resultados desapontam. Nos Estados Unidos, em cada Estado há instituições públicas obrigadas a aceitar qualquer aluno. Todavia, no topo da pirâmide, nas supostamente melhores, a competição é feroz e, de longe, mais árdua que no Brasil. Portanto, mais vagas não resultam na eliminação da concorrência. Mesmo no Brasil, existem muitos cursos com mais vagas que candidatos.

Qual é o critério mais justo e menos traumático? O Brasil está à frente da maioria das nações, pois, em um país de cartórios e afilhados, no ensino superior não se entra por jeitinho, amizades ou suborno. Na França e na Argentina há outro sistema: entram todos os que têm diploma de 2º grau. Mas no primeiro ano a metade é podada. Não é um método melhor.

O vestibular é acusado de ser um momento único, um tudo ou nada. Uma dor de barriga ou de cotovelo poria a perder um ano de esforço. Exames “a prestações” estão sendo tentados com aparente sucesso. Mas é preciso estar em uma escola participante para ir fazendo as provas. Como solução única, peca pela falta de equidade, pois prejudica os alunos de outros estabelecimentos. Usar as notas do 2º grau não funciona, pois as escolas menos exigentes são as que dão melhores notas.

Diferentemente do que se pensa, há ampla evidência científica de que a sorte joga um papel modesto, mesmo em uma prova única como o vestibular. O bem aprendido nos muitos anos anteriores é o que determina as chances de êxito. O defeito da prova única é menos introduzir a sorte do que iludir os que julgam ser possível estudar na última hora.

O vestibular convencional exerce duas funções: descobre quem sabe mais e distribui os alunos pelas instituições e carreiras, de acordo com as notas. A primeira função é boa e indispensável. A segunda, mandona e dispensável. Com o exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), criado pelo MEC, mede-se o que sabe o aluno e cada instituição usa esse resultado como quer,

combinando-o com que outras provas desejar. Fica-se com os benefícios de uma prova bem-feita e eliminam-se os mecanismos centralizados de determinar quem vai para onde.

O custo do Enem é compartilhado por muitos milhares de candidatos. Isso permite fazer uma prova cara e cujo desenho busca captar conhecimentos de ordem superior. Mudam-se as regras do jogo. Já não é mais a decoreba, em que se premia a memorização de fatos mais do que o aprender a pensar – como tendem a ser os vestibulares das nossas melhores universidades. Nesse sentido, dá claras vantagens aos alunos das escolas que ensinam melhor. Mas há um dilema aqui. Ao medir os domínios mais nobres do conhecimento, pelo menos inicialmente, pode dar ainda mais vantagens aos alunos das escolas elitizadas. Contudo, a alternativa de manter uma prova burra não parece convincente.

No fundo, o grande tema é um só: as sociedades modernas premiam cada vez mais a qualidade da educação recebida, tornando mais competitiva a entrada no curso superior e requerendo mais esforço dos alunos que disputam vagas nas melhores escolas. O resto é mecânica e detalhe, nada irrelevantes, mas que apenas dão as regras de trânsito no momento em que há mais candidatos que vagas.

(Veja, 15 de novembro de 2000)

34. Analise as afirmativas a seguir, relacionadas ao texto I.

1. O autor apresenta, no 1º parágrafo, a temática que será abordada, através de aspectos relevantes sobre o vestibular.
2. No 2º e 3º parágrafos, o autor, como estratégia, recorre a outras realidades educacionais.
3. No 3º parágrafo, o autor atenta para a realidade do ensino no Brasil, qualitativa a cada ano.
4. O autor defende o processo da memorização mecanizada como forma de aprender e pensar.

Estão **incorretas**:

- a) 1 e 2 apenas.
- b) 1 e 4 apenas.
- c) 3 e 4 apenas.
- d) 2 e 3 apenas.
- e) 1, 2 e 3 apenas.

35. Sobre a argumentação apresentada pelo autor do texto, é correto afirmar que ela é construída :

1. exclusivamente a partir de relatos sobre ocorrências referentes aos exames vestibulares.
2. essencialmente a partir de dados estatísticos reveladores da eficiência do vestibular.
3. a partir de opiniões correntes sobre o vestibular, as quais vão sendo negadas.
4. a partir, apenas, das opiniões pessoais do autor, as quais vão sendo confirmadas.

Está (ao) correta(s) a (s) afirmativa(s):

- a) 1 apenas.
- b) 2 apenas.
- c) 3 apenas.
- d) 4 apenas.
- e) 1 e 4 apenas.

36. A leitura do período “Mesmo no Brasil, existem muitos cursos com mais vagas que candidatos” deixa implícito que, no Brasil,

- a) Há um equilíbrio entre o número de vagas e o de candidatos.
- b) Existem muitos cursos com mais vagas que candidatos.
- c) É mesmo comum existirem cursos com mais vagas que candidatos.
- d) Afirma-se, geralmente, que há mais candidatos que vagas.
- e) Há uma procura densa por alguns cursos, daí existirem muitas vagas.

37. No seguinte trecho: “No Japão e na Coréia há uma horrenda concorrência para entrar nas melhores escolas.”, o termo sublinhado pode ser substituído sem prejuízo semântico por:

- a) radical
- b) preocupante
- c) instigante
- d) cruel
- e) justa

38. Observe as relações sintático-semânticas estabelecidas nos trechos a seguir do texto I e assinale a alternativa correta:

- a) Em: “E, também, entender, que, quanto mais avançado o país, mais furiosamente competitivo é o acesso às boas escolas...”, há um valor circunstancial de causa e efeito.
- b) Em: “Todavia, no topo da pirâmide, nas supostamente melhores, a competição é feroz e, de longe, mais árdua que no Brasil.”, o conectivo indica uma circunstância de concessão.
- c) Em: “Usar as notas do 2º grau não funciona, pois as escolas menos exigentes são as que dão melhores notas.”, há uma relação de conclusão.
- d) Em: “Ora, se há mais candidatos do que vagas, como decidir?”, o termo circunstancial tem valor hipotético.
- e) Em: “Nesse sentido, dá claras vantagens aos alunos das escolas que ensinam melhor.”, há uma idéia de explicação.

39. Analise as sentenças abaixo, retiradas do texto I, e indique a alternativa em que a mudança na posição dos termos destacados altera o sentido.

- a) “Portanto, não há como evitar algum critério meritocrático.”
- b) “No Japão e na Coréia há uma horrenda concorrência para entrar nas melhores escolas.”
- c) “Exames “a prestações” estão sendo tentados com aparente sucesso.”
- d) “Como solução única, peca pela falta de equidade...”
- e) “Nesse sentido, dá claras vantagens aos alunos das escolas que ensinam melhor.”

40. A concordância verbo-nominal também representa uma regularidade da norma-padrão. Assinale, entre as alternativas seguintes, aquela em que essa concordância se fez corretamente.

- a) Nenhuma das línguas estudadas se manifestam homogeneamente.
- b) A diversidade de universidades, em todo o país, não é suficiente para a demanda.
- c) O resultado das pesquisas indicam que a qualidade do ensino é contestável.
- d) Foi defendido, com a aprovação de todos, dois princípios sobre o ensino: qualidade e eficácia.
- e) Será que, nas universidades do país, podem haver vagas para todos?

FIM DO CADERNO